



## Onde o céu é mais bonito

### INTERNACIONALIZAÇÃO PAULO HEBMÜLLER

*Aumento do intercâmbio entre alunos da USP e de instituições de ensino africanas reflete o esforço feito pela Universidade nos últimos anos para internacionalizar suas atividades*



Em seu programa de intercâmbio acadêmico, o estudante de Geografia da USP Bruno Esslinger de Britto Costa, 23 anos, optou por cruzar o Atlântico e parar à beira do Oceano Índico – mas, mesmo tão longe, não deixou de falar português. Durante o ano de 2008, Bruno viveu em Moçambique, ex-colônia portuguesa na costa oriental da África. “Essa viagem desmistificou bastante coisa para mim em relação àquelas ideias de África que nós temos”, diz.

Os bens de consumo do mundo globalizado, por exemplo, podem chegar com atraso, mas acabam sendo encontrados, especialmente no mercado informal. Como o serviço de telefonia fixo é precário, os celulares (ou “telemóveis”, na definição lusitana incorporada pelos moçambicanos) são gêneros de primeira necessidade. “Vi gente catando lixo usando a lanterna do celular”, conta. O estudante incentiva os alunos da USP a realizar intercâmbios naquele continente, porque “é importante ter em vista um relacionamento dos países do Sul, com características e história mais parecidas com as nossas”. Em sentido contrário, mais estudantes africanos de língua portuguesa estudam atualmente na USP – são 104 neste ano, contra 71 em 2007 (leia o texto ao lado). Esse movimento reflete o esforço feito pela Universidade nos últimos anos para internacionalizar suas atividades (leia textos nesta página e na seguinte).



Menina moçambicana: negros em Moçambique são 97% da população

No primeiro semestre, Bruno estudou na Universidade Eduardo Mondlane (UEM), em Maputo, capital do país. Fundada em 1962, a UEM é a mais antiga e por muito tempo foi a única de Moçambique. Das quatro disciplinas que cursou, duas se destacaram: Padrões de Assentamentos Humanos, ministrada por uma professora chilena exilada na ditadura de Pinochet (1973–1990), e Planeamento Urbano (a designação também segue a norma lusitana), que permitiu realizar trabalhos de campo em muitos bairros da cidade, como o de Xipamanine. “A urbanização na África foi um processo muito rápido. Em Maputo houve a chamada implosão urbana”, diz. Entre os fatores que fizeram a população das áreas rurais tomar o rumo dos arredores da capital está a guerra pela independência, a partir dos anos 60, cujos conflitos se concentravam no interior do país. “O campo invadiu a cidade”, explica Bruno.

Os assentamentos informais tomam boa parte da área urbana e mantêm muitas das características da divisão da capital colonial: a “cidade de cimento” – branca, de desenvolvimento vertical, planificada e com infraestrutura e serviços –, cercada pela “cidade de caniço”, negra, suburbana, horizontal, não planificada, com escassez de infraestrutura e serviços. “As casas nesses bairros são sem padrão, com vias de comunicação muito precárias e valas de drenagem abertas. As condições de salubridade não existem ou são bem baixas. É uma mistura de favela com interior ou área rural”, define o estudante.



Nampula, em Moçambique: o campo invadiu a cidade

A independência, conquistada em 1975, não alterou substancialmente esse perfil, a não ser pelo fato de que a “cidade de cimento” deixou de ser branca. Na época da independência, eram mais de 200 mil os portugueses vivendo em Moçambique. Hoje, são cerca de 14 mil. Os negros, de etnias como macua, tsongo, malavi e chona, são mais de 97% dos moçambicanos. Também há comunidades de indianos, árabes e chineses.

**Fronteiras cruzadas** – Os elementos da vida rural estão muito presentes em Maputo, cidade que concentra 1,1 milhão dos cerca de 20,5 milhões de habitantes do país. É muito comum encontrar machambas – pequenas plantações ou hortas – nos espaços livres. “Eu atravessava um campo aberto para chegar na faculdade e lá havia plantações de milho e mandioca”, conta Bruno. “Moçambique é um país que tem múltiplas fronteiras dentro. Algumas delas atravessam a mim, são fronteiras de culturas, de línguas, de etnias, de regiões, de raças”, disse o mais reconhecido escritor moçambicano, Mia Couto, em palestra no 16º Congresso de Leitura do Brasil, realizado em 2007 na Unicamp. O escritor e biólogo – “também sou uma pessoa séria”, brincou em Campinas – nasceu de uma família de portugueses na cidade da Beira, a segunda maior do país.



Mercado do bairro de Xipamanine, em Maputo: trabalhos de campo

A linha mais grave que divide os moçambicanos, afirmou o escritor, “não é entre os que sabem ler e os que não sabem, ou entre os que são analfabetos e os que são alfabetizados – e são muitos os analfabetos, penso que uns 40% –, mas a fronteira maior é entre os que vivem na lógica da escrita e os que vivem na lógica da oralidade”. A grande maioria “pensa e sente nesse outro universo que é de fato tido como secundário e menor”, continuou Mia Couto. “O universo da oralidade não é alguma coisa que se possa pensar do ponto de vista folclórico ou do exotismo. Aqui existe uma filosofia. Claro, não posso romantizar esse mundo rural como se fosse inteiro e suficiente, mas o desafio é ensinar a escrita a dialogar com o mundo da oralidade.” Os textos do escritor provam que combinar as duas linguagens num mesmo mundo fantástico que encanta o leitor é mais do que possível.

Bruno experimentou essa sobreposição dos poderes institucionais e tradicionais ao viajar pelo interior do país, no segundo semestre, hospedando-se principalmente na casa de colegas da faculdade. “Para conhecer Moçambique de verdade é preciso sair de Maputo. As pessoas fazem questão de te receber muito bem, te dão a melhor parte da comida”, conta o estudante. Numa viagem a Lichinga, na província de Niassa, viu que havia uma grande movimentação em torno de uma árvore já seca. Até um trator estava por perto para ajudar na derrubada. O colega explicou que todo o cuidado se devia ao fato de que os mochos (corujas) ainda pousavam na árvore, o que indicava que poderia haver alguém enterrado por ali.

Depois do almoço na casa do colega, Bruno viu que a árvore havia caído em cima de uma casa, destruindo-a completamente. “Isso só atestou para os moradores do bairro que havia mesmo espíritos ao redor e que não era para ter mexido ali”, relata o estudante. Em suas viagens, participou também de uma festa de casamento numa aldeia em que o rigor dos trajes contrastava com o chão de terra e as cabanas de madeira e palha. Dois bois foram mortos na hora para que a carne fosse servida na festa.

Bruno também assistiu a um batismo numa congregação chamada Igreja de São. Cristianismo, tradições locais e invocações aos ancestrais se misturavam na cerimônia. O sangue de um pombo morto na hora foi colocado na testa da criança. A celebração foi realizada em changana, a língua dos tsonas.

O céu do continente, que os africanos dizem ser mais bonito do que no resto do mundo, ajuda Bruno a acalantar o sonho de voltar ao país que o acolheu, embora ainda não tenha em mente um plano definido. Antes, quer terminar a graduação. “Gostaria de voltar para construir alguma coisa. Dar aula ou realizar algum projeto mais concreto”, diz.

## **A imagem do Brasil na África, via televisão**

Atravessar o Atlântico em direção ao Brasil, e especificamente à USP, é um caminho que tem sido feito por um número cada vez maior de estudantes dos países africanos de língua portuguesa. Hoje eles são 104 – em 2007, por exemplo, eram 71. Reflexo do crescimento da mobilidade estudantil na USP, tanto no recebimento de alunos estrangeiros quanto no envio para o exterior.



Enola, Basílio e Daniela, de Guiné-Bissau: dificuldades de adaptação

Vem da Guiné-Bissau, pequeno país da costa ocidental com cerca de 1,5 milhão de habitantes, o maior número de alunos das nações de língua portuguesa na África: 41. Os demais são de Cabo Verde (37), Angola (14), São Tomé e Príncipe (7) e Moçambique (5).

As primas Enola Júlio Mango e Daniela Tasso Dju, ambas de 21 anos, e o colega Basílio Félix da Silva Injai, de 22, conversam no idioma crioulo da Guiné-Bissau pelos corredores e gramados da Cidade Universitária. Assim como ocorre em Moçambique, o português é a língua oficial, utilizada mais nas situações formais do que no convívio familiar ou comunitário.

Os três vão fazer o curso inteiro na USP, por meio de um convênio de cooperação entre os governos dos dois países. O grupo chegou a São Paulo no começo deste ano e está se adaptando ao turbilhão de novidades da cidade, do país e dos cursos. Enola, que mora na Mooca, estranha passar quase duas horas dentro de ônibus para chegar à USP. “Gosto de tudo, mas ainda estou com algumas dificuldades no curso”, diz ela, que entrou em Ciências da Computação.

Já Daniela está matriculada em Estatística, mas se ressentida de mais base em matemática e não descarta a possibilidade de pedir transferência de curso. “O povo brasileiro é muito amável”, diz a estudante, que planeja voltar ao seu país após a graduação. A imagem que Daniela tinha do Brasil vinha principalmente por meio de novelas como “Os Mutantes” e “Chamas da Vida”, da TV Record. Para conhecer mais do país, pretende passar a próxima virada de ano no Rio de Janeiro – se o dinheiro der para tanto, claro.

Basílio faz o curso de Letras e divide apartamento com três colegas africanos no centro da cidade. Seus familiares se assustaram ao saber que seu destino era São Paulo. “Eles viam o ‘Cidade Alerta’ na TV e tinham medo da violência na cidade”, diz. As conversas pelo telefone ajudam a acalmar a família, mas o que chamou mesmo a atenção do estudante foi ver tanta pobreza pelas ruas. Para o futuro, Basílio pensa em trabalhar no Brasil ou continuar os estudos no mestrado, possibilidade aberta pelo convênio. (P.H.)

## Estudantes em mobilidade



Um dado relevante quando o assunto é internacionalização diz respeito ao número de alunos de graduação da USP no exterior – não só na África, mas em todos os continentes. Esse número teve um aumento de 87,5%, passando de 463, em 2005, para 868, em 2008. Nesse mesmo período, também houve aumento de 39% na presença de alunos de pós-graduação no exterior.

No que se refere a alunos de graduação do exterior na USP, esse aumento foi de mais de 60%, passando de 350, em 2005, para 563, em 2008. Na pós-graduação, 2008 foi o ano que registrou um aumento de mais de cinco vezes na presença desses alunos na Universidade, passando de 148, em 2005, para 685, em 2008.

No levantamento realizado, constatou-se também que a preferência dos alunos da USP se concentra em países da Europa e da América do Norte, em relação à América Latina. Considerando-se os alunos estrangeiros, essa preferência recai sobre os alunos da Europa. Em contrapartida, o número de estudantes da América Latina se sobrepõe ao da América do Norte em estágios na instituição.



Tiago Romanelli e Alexandra Falter são exemplos, na prática, dessas estatísticas. Tiago concluiu seu doutorado-sanduiche sobre sustentabilidade energética de um sistema de produção da cultura de eucalipto na University of Florida, onde ficou por um ano. Para ele, além da possibilidade do convívio com uma realidade cultural distinta, o período em que ficou em território norte-americano foi uma oportunidade ímpar para conhecer uma metodologia única relacionada à sua área de atuação, desenvolvida naquela universidade. Apesar de, naquela época, já pensar em seguir carreira acadêmica, Romanelli considera que o intercâmbio representou “um empurrãozinho a mais” nesse sentido. Desde julho do ano passado, ele é professor do Departamento de Engenharia Rural da Escola de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq), no campus de Piracicaba e, nessa nova condição, é um entusiasta quando o assunto é intercâmbio. “Na minha época, não havia tantos programas na Universidade como hoje e, quanto antes o aluno puder ter essa experiência, mais válido será para sua carreira”, considera.

Para a futura antropóloga Alexandra Falter, conhecer e vivenciar culturas diferentes são requisitos que considera essenciais para sua trajetória profissional, principalmente nas áreas em que tem maior interesse acadêmico, a antropologia urbana e a antropologia do direito. E, desde agosto do ano passado, quando chegou à USP, a aluna alemã de graduação da Ludwig Maximilians Universität tem colocado essa vontade em prática, dividindo-se entre as aulas na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) e as atividades do Núcleo de Pesquisa de Antropologia do Direito, para o qual foi convidada a participar por uma professora da unidade. “Antropologia tem muito a ver com a compreensão das culturas diferentes e, para conhecer e entender outras culturas, formas de viver e pensar, você precisa morar fora e aprender”, conta Alexandra.



“A mobilidade é uma das modalidades de internacionalização

priorizadas na USP, pois representa oportunidade ímpar para que alunos de graduação e de pós-graduação se enriqueçam científica e culturalmente. Especialmente em relação aos pós-graduandos, o desenvolvimento de parte da pesquisa em laboratórios de universidades estrangeiras permite estabelecer vínculos preliminares com grupos que serão fortalecidos com convênios acadêmicos”, avalia a reitora da USP, Suely Vilela.

**ADRIANA CRUZ, especial para o Jornal da USP**